EXPEDIENTE.

O Sr. A. A. V. póde vêr a resposta antecipadamente dada á sua pergunta nos expedientes dos numeros 19 e 22, e avaliar por ahi quão forçadamente nos vemos inhibidos de aproveitar o seu offerecimento.

O Sr. — ? — tem razão plenissima no seu queixume. Emquanto nos persuadimos de que o mal era curavel procurámos ir-lhe applicando algum remedio; agora esmorecemos; é mais uma das nossas illusões perdidas. Filinto que ressuscite, se podér, para vingar a sua dama; para defendel-a, é tarde que já está morta e enterrada sem epitafio como elle: as unicas honras que a ella lhe estão fasendo sobre a sepultura são quatro carreirinhas de sendeiros aos coices todos os dias.

— Os artigos de conhecimentos uteis do Sr. *Gonçalves*, do Sr. *Cabral* e de alguns outros correspondentes tem, máu grado nosso, de esperar mais alguns dias, para sairem depois de outros muitos mais artigos.

CONHECIMENTOS UTEIS.

SUSTENTO PARA O GADO NO CURRAL.

(*Communicado.*)

3790 Arranjam-se tres caixas grandes ou tres cubas, em cada uma das quaes possa caber quanto alimento baste para todo o gado por espaço de uma dia. Encha-se no primeiro dia a primeira d'estas vasilhas de palha esmiuçada, humedecida com agua levemente salgada. Ao passo que na palha se for deitando esta agua, vá-se-lhe misturando batata crua talhada ás fatias; ponha-se-lhe em cima um pêso e feche-se com uma tampa; no dia seguinte, faça-se outro tanto á segunda vasilha, e no terceiro outro tanto á terceira.

Passados os tres dias, está já a massa da primeira em tal fermentação, que mal se lhe póde ter a mão: está prompta, é dal-a aos animaes que a comem com o maior gosto e proveito: — no dia seguinte serve a da segunda, no immediato a da terceira; e como tenha havido cuidado de encher cada uma, logo que se despeja, torna-se á primeira: com as tres nunca haverá interrupção. Com este mantimento se pódem lotar sem nenhum inconveniente, outras substancias á hora mesma de o dar, taes como senoilas, beterrabas, nabos, bagaço, etc. Cumpre advertir que se as vasilhas forem muito pequenas, a fermentação, que é necessaria, não se fará perfeitamente por se derramar facilmente o calor pelo ambiente.

CAL PARA ADUBIO.

(*Carta.*)

3791 Rogo-lhe o favor de inserir estas poucas linhas no seu interessante periodico.

Sendo a falta dos estrumes uma das razões de se abandonarem terrenos, com grave prejuiso dos lavradores, e por consequencia, do estado, de que elle são um dos mais firmes esteios, muitos naturalistas se teem applicado a este importante objecto: depois de repetidas experimentações, tem-se achado que a cal em pó, especialmente a feita do carbonato, lançada á terra antes de arada, e arando-se de moda que fique com ella bem combinada, é tambem o melhor de todos adubios. Os jornaes de agricultura de Inglaterra e da Alemanha estão cheios d'estas experiencias, e n'aquelle primeiro paiz ha fabricas de cal, que teem vendido para este fim, tanto como quarenta mil tonelladas em um anno. Todos combinam em dizer que a terra adubada d'esta maneira produz mais 50 por cento do que aquella, em que se faz uso do estrume ordinario.

Entrego esta idéa aos nossos lavradores e convido-os a tentar um meio tão facil de melhorarem as suas terras.

Um Seu Constante Leitor.

REMEDIO PARA OS ENVENENADOS COM ROSALGAR.

(*Communicado.*)

3792 Como os envenenamentos de arsenico sejam frequentes, e exijam tractamento prompto e nem sempre em toda a parte se encontre logo á mão facultativo que o venha determinar, convem que todos saibam isto, de prevenção, para um caso repentino.

Faz-se beber, sem perda de tempo, ao envenenado agua morna simples, não aos quartilhos mas ás torrentes se possivel fôr, ou agua de cevada, ou agua de linhaça ou leite. Depois dá-se-lhe oleo de amendoas doces, uma colherada grande de cada vez, e vezes muito repetidas: dão-se-lhe tambem com a maior frequencia clystéres de agua de linhaça, ou de agua de colla, ou de agua fervida com manteiga: procura-se por todos os modos promover-lhe os vomitos, mettendo-lhe os dedos pela bocca abaixo, ou fazendo-lhe cócegas na abertura da goéla com a rama de uma penna: se isto não bastar, augmente-se a dóse do oleo de amendoas.

Uma vez conseguida a boa fortuna de fazer passar os primeiros incommodos, por via d'estes remedios, empregados prompta e activamente, não se deve parar, senão continuar com elles por algum tempo; e ainda depois é necessario que o enfermo não tome senão leite por espaço de mez ou mez e meio.

Se a garganta ou a bocca ficou dorida ou muito escandalisada, gargareja-se com um cosimento de cevada e mel rosado, ou com mel rosado e xarope de limão.

CURAS DA SOLITARIA.

(*Carta.*)

3793 Nas collumnas da Revista Universal Lisbonense N.° 12 e 21 do anno proximo passado principiou-se a dar conhecimento ao Publico das extracções da tenia (vulgo solitaria) com o remedio do Cirurgião *Oliveira*, praticadas em poucas horas de tratamento n'esta Cidade de Lisboa pelo abaixo assignado, morador na rua dos *Fanqueiros N.° 36 — 1.° andar*; continuando os felizes curativos, que vão succedendo, por maneira tal, que não deixa a mais pequena duvida da perfeita extracção, tanto de huma tenia, como de mais algumas, que existam associadas no mesmo sugeito, do que já houve, sendo encontradas tres que foram extrahidas ao doente da 1.ª extração abaixo mencionada. Motivo sufficiente para lhe pedir continue a publicar as extracções recentemente praticadas.

De V. etc.

João Baptista dos Santos e Silva.

EXTRACÇÃO DA TENIA.

1.ª No dia 14 de dezembro do anno passado, *Antonio Maia da Penna*, Alfaiate, morador no *Largo do Terreiro* N.° 22 1.° andar, doente de uma gastrica, facultativo assistente o Sr. José do Nascimento Correia, o qual no decurso do tratamento observou a deposição de huma porção de tenia. Fui chamado; e de combinação com o dicto Sr applíquei o remedio; em quatro horas de tratamento appresentou tres tenias completas, curtas e das estreitas. Este doente padecia muito: presentemente está restabelecido. Na occasião da extracção não pude perceber mais que huma tenia, por sahirem muito

enlaçadas, porém quando as preparava para as meter no espirito pude certeficar-me de serem tres em logar de uma; existem em minha casa.

2.ª No dia 27 de dezembro proximo passado, *Pedro José Fernandes*, residente em *Setubal*, na rua de *S. Domingos*, em seis horas de tratamento, extrahiu completa uma grande e grossa tenia. Este doente apezar da sua boa constituição, padeceu por muito tempo. Conhecendo a origem do mal, tratou-se com os remedios em pratica; por fim esteve no hospital. De todos os tratamentos não pôde conseguir mais que pequenas extracções do verme, ficando cada vez mais incommodado.

3.ª No dia primeiro do prezente mez *João de Castro* natural de Galliza, Criado do Marquez de Canta Gallo, morador na rua de *S. João da Matta*, em tres horas de tratamento, (tendo havido ensaio no dia antecedente) deitou uma das grandes tenias de collo sarrilhado e de cabeça cinzenta, guarnecidas de quatro orificios de bordos salientes. Este doente padecia muito e havia muito tempo; vae-se progressivamente restabelecendo.

RECEITA DE BOA CERVEJA PRETA.

3794 Esta cerveja é muito medicinal, e applica-se nas contusões internamente como um balsamo reanimante.

Plantas suissas (1) ..... seis onças
Agua a ferver ..... duas libras e meia
Depois de coado juncta-se:
Vinho tincto do melhor ..... tres libras
Balsamo peruviano liquido ..... uma onça
Assucar branco ..... tres onças
Alcool (espirito de vinho) ..... duas onças
Agua-ardente ..... duas onças
Assucar queimado ..... duas libras

MODO SIMPLES DE PREVENIR E APAGAR INCENDIOS.

3795 Como já não se falla em meios para obviar, ou apagar incendios, parece-me acertado tractar agora da celebre composição, do capitão Mauby, homem ingenhoso, e que tem inventado alguns machinismos para salvar os afogados, e a que elle chamou fluido anti-flogistico. O methodo empregado pelo capitão Mauby é muito simples, e sae muito barato, muito principalmente se produzir o effeito. Consiste em dissolver na agua uma porção de potassa sufficiente. Este fluido distroe completamente a acção do fogo. Segundo o auctor apaga-se immediatamente a chamma, e não se torna a accender, e até se pódem por este processo incombustibilisar os vestidos, e fazendas de algodão, e lãa, e madeiras velhas: para isto basta immergir n'esta dissolução a peça que se quizer, e tiral-a immediatamente para impedir não só a communicação do fogo como tambem a alteração das côres, e sua duração.

Que coisa mais facil para apagar um incendio sem muito custo nem tão pouco muito trabalho? porque, para isto se conseguir bastava, que houvesse ordem para todas as bombas levarem porções de potassa equivalente ás quantidades de agua, que a bomba leva.

Isidoro José Gonçalves

A VALLA DA AZAMBUJA.

(*Vem de pag.* 297.)

(Conclusão.)

3796 Toquei de passagem nas obrigações impostas aos barcos de quilha e de fundo chato, que pertenderem navegar as vallas e canal das *Onias*: mas ellas são tão anachronicas que — parecem ser feitas no tempo de Colbert —, e por isso merecem mais algum desinvolvimento.

Occupam nove paragraphos do artigo sexto das condições do contracto, e no §. 5.º ainda se faz menção de instrucções particulares da companhia, a que os mesmos barcos devem estar sujeitos: por ora não sabemos o que será, e por isso analysarei sómente as obrigações já declaradas.

Ha-de um pobre arraes sujeitar-se a que o seu barco seja medido pelos agentes da companhia, e que estes o numerem e lhe ponham de cada lado um index de cobre graduado e feito por elles; ha-de declarar o seu nome, terra de habitação e morada; de tudo isto se fará um auto e no fim pagará as custas! ¿Mas se elles apenas tiram um triste bocado de pão em recompensa de tanto trabalho, frios e aguaceiros aguentados de dia e de noite, como terão dinheiro para pagar esse luxo regulamentar? ..... ¿E para que é tanta coisa? ... Para depois pagar um pesado imposto de 12$500 rs. por cada carga de sessenta moios de trigo ou de seis centos e vinte e cinco quintaes de pêso, quer venha em barcos grandes, quer nos pequenos; mas n'estes ainda lhes fica a passagem mais cara, porque tem de pagar sirga mais vezes!

Uma fragata de sessenta moios de carga ou seis centos e vinte e cinco quintaes, que entrar na valla da *Azambuja* até á *Cabeça de Guião*, e que por isso não entra nas adufas, deve pagar de direitos 3$125 rs. por que percorreu uma *distancia inteira*, quando até aqui não pagava nada! Se esta fragata fôr de algum habitante d'aquelle concelho, ha-de pagar a sua quota para a contribuição dos 8.179$200 rs. annuaes de amortisação, e além d'isto o direito de navegação.

Ajuncte-se a tudo isto a impertinencia de autos e marcas, e indices, e ver-se-ha que parecem coisas feitas de proposito para afugentar os barcos, e não para os attrahir, por meio da commodidade e da barateza do transporte, como devêra ser; pois se um canal não é obra de ostentação, tambem se não deve fazer para oppressão e vexame.

Quem redigiu taes condições, quem as aconselhou ao illustre empresario, nem sabia o rifão vulgar de que — *muitos cinco valem mais que poucos dez*; — nem conhecia o effeito que tiveram os minuciosos, e da mesma fórma impertinentes regulamentos, que o marquez do Pombal mandou fazer para as pescarias da praia de *Monte Gordo*, no Algarve, os quaes déram cabo d'ellas completamente, apesar da differença de não impôr nenhuns tributos aos pescadores, antes pelo contrario offerecer-lhe graciosamente em *Villa Real de Santo Antonio*, no Algarve, quantas commodidades podiam desejar: o caso merece ser contado. — Por aquelles tempos do ministerio do referido marquez, era a praia de *Monte Gordo* uma grande povoação de choupanas de pescadores, os quaes passavam de cinco mil; informado d'isto, e com boas vistas de interesse nacional, mandou aquelle ministro edificar a villa dicta — *Villa Real de Santo Antonio*, — e n'ella fazer todos os commodos para os pescadores, até pias para salgar peixe, etc., etc. Acabada a edificação mandou fazer os regulamentos colbertistas em voga e moda; (porque é defeito dos portuguezes andar sempre a imitar os estranhos) e n'estes regulamentos se marcavam quantos passos havia de dar um pescador, a forma das suas redes, as horas de sair a pescar, etc. Depois d'isto mandou-os intimar para que fossem habitar a villa, e gosar de todos os commodos que n'ella havia; mas elles temeram os regulamentos e deixaram-se ficar nas suas cabanas, inspirando-lhe a

(1) As plantas suissas compoem-se de muitas porém as que se costumam empregar são: Veronica, Hera terrestre, Cerefolio, Tucilago, Escabiosa, Cardo Sancto etc.

razão natural aquelles mesmos sentimentos com que o lobo da fabula dizia ao cão domestico —

. . . . . fraere quæ laudas canis,
Regnare nolo, liber ut non sim mihi.

Picado d'isto o marquez, mandou tropas áquellas praias obrigal-os a saír, e queimar-lhes as barracas! . . . . . Mas não conseguiu o que pertendia; pois elles se metteram nos seus barcos e fugiram para Hispanha: nunca mais se podéram restabelecer aquellas pescarias: não obstantes os esforços do Ministro, falhou tudo: e só actualmente se renováram por ter já esquecido o incendio da moderna Troia, e mais os regulamentos; — applico o caso e vou passar a outras observações.

Receio e temo; porém acredito, que se o plano dos Sr.s *Ortts* fôr á vante, e se no estio se abrirem as portas das *Onias* toda a agua do Téjo entrará para o canal; porque elle deve ter de profundidade 10 palmos, pelo menos; o nivel das suas aguas deve ser o mesmo que as do rio, para os barcos poderem saír, e como entre as *Onias* e o *Mouxão d'ElRei*, toda aquella espraiada corrente apenas terá 3½ ou 4 de altura, segue-se que o fundo ou leito do canal fica mais baixo do que o da corrente 6 palmos. As aguas correm para o mais baixo, (diz o rifão popular) e por isso n'este caso, não terão remedio os varinos, *que agora remontam o Téjo*, senão deixar-se autuar, marcar e adornar com o cinto dos indeces de cobre, pagar e repagar; estudar o regulamento e sujeitar-se; porque não pódem fugir para a Hespanha; as tres leguas do rio que ha desde as *Onias* até *Vallada* ficarão reduzidas a charcos de rans, as praias do norte e do sul sem serventia, e os povos de todo o littoral sem meios de poder transportar os seus productos da agricultura; virão logo as molestias de febres interminentes e tyfoides, como já ponderei; (mas é preciso repetil-o bem vezes) e por fim de tudo — *aquellas consequencias infalliveis que taes violencias trazem comsigo.* — Isto, certamente, afligirá muito o nobre coração do illustre empresario; mas se tiver por companheiros alguns inglezes, será para esses uma grande fortuna; porque terão motivo para novas reclamações!

Os deffensores dos planos estrangeiros dizem a isto — «que se não ha-de tirar agua do rio, que prejudique á sua navegação para serventia dos povos visinhos» — dizem sim, mas não o provam, nem sei como se possa conceber isso. Se ella é pouca no estio, se assim mesmo a navegação é tão difficil que obriga os barqueiros a cavar na areia para passarem com os seus bateis de quatro até seis moios de carga, — ¿ como quereis vós, homens fascinados, que depois de lhe tirar a precisa para o canal ainda fique bastante para essa trabalhosa navegação?

Reduzi a calculo os vossos argumentos, mostrai-me quanta devem receber e gastar as represas das adufas para dar prompta passagem aos barcos de subida e descida, dizei-me d'onde ha-de vir sem ser do Téjo, e n'esse caso vos acreditarei; antes d'isso não me capacito nem me satisfaço com asserções sem prova.

Tenho mostrado com bem fortes razões, que a não ser por meio de violencia e da derivação da maior parte das aguas do Téjo, não é possivel que os barcos vão por sua livre vontade entrar no canal, e tambem mostrei qual era o perigo da sobredita derivação das aguas: resta agora vêr que lucro poderão dar á companhia os barcos de carreira diaria para passageiros, a que se obriga pelas condições do § 14 do artigo 1.º — *Compete á companhia* (diz este §.) *entreter desde a Foz de Jusante, pela ponte d'Asseca até á Foz de montante,* (1) *ida e volta, uma carreira diaria para passageiros, effectuada em barcos cobertos movidos a vapor, ou cirgados por bestas.*

No artigo 7 da tabella — A — se diz. — *Cada passageiro pagará por cada distancia cem rs.*

§. unico. *Os passageiros que navegarem em barcos da carreira da companhia, pagarão egualmente cem rs. por cada distancia; mas as suas bagagens serão livres de direitos, quando não excederem a uma arroba.*

D'estas disposições se vê claramente que — um passageiro deve pagar o mesmo aluguer que paga indo a cavallo por terra; o corpo talvez encontrará algum commodo indo pelo canal; mas a bolça nenhum alivio sente: levam-lhe a sua mala se não pesar mais de arroba, e se pesar? — Não sei o que lhe levarão!

D'esta forma não espere a companhia ter passageiros; porque a estrada de Santarém é pouco frequentada; dos poucos que a procuram um grande numero é de pobres jornaleiros que não pódem dar 400 rs. de passagem por quatro leguas, irão antes nos barcos de véla por fóra do canal (em quanto poderem passar), ou a pé não tendo barcos. N'estes termos, pode-se dizer que o lucro proveniente de passageiros, liquido de despezas, caberá sem dificuldade no bolço do colete dos recebedores ainda que seja pago em cobre, e que não terão necessidade de sacco para o guardar.

Pelo que respeita aos barcos de vapor digo — que me parecem desnecessarios; porque se não tracta de uma navegação de seis centas leguas, como a do canal de Catherina II. imperatriz da Russia (2), são sómente *quatro distancias inteiras* ou quatro leguas portuguezas talhadas pelo molde das francezas, e para tão pouca coisa basta bem a sirga; além d'isto o movimento das rodas, ou dos remos (se forem d'esta invenção) arruina as bermas em pouco tempo, pois são de terra sem revestimento. Por conseguinte, á vista do que deixo exposto, evidentemente se mostra que não póde chegar o rendimento do canal, nem para as despezas do pessoal alli empregado, quanto mais para juros do capital, e que todos elles ficarão a cargo da nação, sem que d'ahi lhe venha utilidade nenhuma.

Se eu me recordo com exactidão parece-me que as escarpas exteriores das bermas do canal terão (segundo o plano) *um pé de base por um pé de altura*: proprias expressões dos auctores, se a minha memoria não erra, errando peço venia e dou o dicto por não dicto. — Taes escarpas vem a dar ás terras um plano inclinado de 45 gráus, sufficiente para a parte inte-

(1) Esta palavra não significa a espada de duas mãos dos antigos cavaleiros, nem tão pouco a enchente da maré; pois não chega á porta do canal nas Onias; parece que será um novo e desnecessario galecismo, se por acaso a querem tomar como a traducção da palavra — amont — dos francezes.

(2) Este canal faz communicar varios rios e lagos, não é todo cavado a braço. Vindo do mar Caspio navega-se pelo rio Wolga acima até adiante de Cazan; depois entra-se no Twerza e d'este no canal que desemboca no rio Sna; este vae entrar no Morta, o qual desemboca no lago Ilmen; d'este lago sae o rio Wolchowa, juncto á cidade de Novogorod, e alli entra no lago Ladoga, e d'esta maneira se completa uma navegação de seis centas leguas.

rior do canal; mas incapaz de resistir, pela parte de fóra, á violencia das enchentes: para os leitores me perceberem eu vou dizer qual é a sua altura, e a força do choque dos vagalhões quando sopram os ventos tempestuosos, chamados — travessias.

Sobem as dictas enchentes á Fóz do *Zezere* 48 a 50 palmos de altura, contados acima do nivel das aguas claras; na *Torre de Tancos* 36: — na *Barquinha* 27 — na *Golegã* 25, cuja altura se conserva até *Vallada* e *Salvaterra*; d'este ponto por diante vão abaixando até se confundirem com as marés junto das *Virtudes* (vid. a Memoria de Estevão Cabral, inserta no t. 2.° das Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa pg. 158) A largura do Téjo, quando assim vae cheio, é de tres mil e cem braças contadas desde a valla de *Alpiarça* até á das *Virtudes*, e contando de monte a monte, de norte a sul, terá uma legua e tres quartos; por conseguinte n'estas occasiões é um lago muito grande aonde os ventos de Sudoeste e sul levantam ondas enormes, as quaes tomam ás vezes a velocidade de 8 e 9 pés por segundo, por isso aqui defronte de Lisboa fazem garrar as embarcações de alto bordo, e muitas vezes as tem despedaçado e mettido a pique.

Ora, como a berma ou lado meridional do novo canal desde as *Virtudes* até á *Ponte d'Asseca* fica exposta a estes ventos, e a do canal das *Onias* aos ventos de oeste e sudoeste, egualmente violentos e tempestuosos, segue-se que enfiando as ondas ou marêtas as linhas perpendiculares á direcção das mencionadas bermas (o que muitas vezes acontecerá), baterão nas escarpas com uma força equivalente de libras 2$017.798 (3) em cada braça quadrada de superficie, e nas banquetas de resguardar as cheias com um choque da força de — lib. 851,4 em cada metro quadrado, em razão de terem as faces verticaes, segundo se vê no risco.

A terra de que são formadas umas e outras não póde resistir a similhantes choques, e necessariamente se abrirá em muitas brechas, como acontece aos vallados que defendem os campos, os quaes ficam arrazados em vindo as cheias acompanhadas de ventos fortes de travessia.

O maior damno, porém, que nos póde causar o plano deste canal (a meu vêr muito improprio d'aquelle logar) é o risco do arrombamento das portas das *Onias*; porque se tal acontecer o peso das aguas da enchente cairá sobre o canal por ter o leito muito mais baixo do que o do Téjo, depois virão ellas saír junto da adufa da *ponte da Asseca*, arrombando as bermas ou alargando as brechas de que acima fiz menção, e n'este caso lá vão os campos de *Vallada*; porque o terreno d'elles tem a superficie mais baixa junto das vallas actuaes do que á margem do rio, como já adverti em outra parte, portanto lhe ficará servindo de um novo leito.

Nem me digam que tão habeis ingenheiros como são os Srs. *Ortts* não podem deixar de conhecer este risco, e farão umas portas muito seguras: respondo a isso.

1.ª Que bem fortes eram as do dique no arsenal da marinha, feitas de madeira do Brasil, de mais a mais escoradas por dentro e defendidas por fóra com uma tranqueira fortissima; mas apesar de tudo isso as ondas impelidas pelo vento do sul desfizeram tudo em poucas horas, ainda ha poucos annos.

2.° Que se isto acontecer o illustre emprezario se verá obrigado a pagar os prejuizos causados, na conformidade das leis do reino.

3.° Que este objecto seria bem digno de ser maduramente examinado em qualquer outro paiz aonde se fizesse algum caso dos avisos e das reflexões dos nacionaes.

Emfim, para concluir esta materia, já muito extensa, digo que essas mesmas suppostas vantagens que se esperam do novo canal ficarão completamente annuladas pelas obras da nova empreza da navegação geral do Téjo, empreza digna dos maiores elogios e que merece todos os auxilios dos capitalistas nacionaes: d'ella me occuparei ainda mais largamente.

Póde com tudo, o illustre empresario da canalisação das vallas da *Azambuja* e das *Virtudes* fazer ainda muito bons serviços á sua patria, (que é o seu fim principal, honra lhe seja feita) se abandonar totalmente o plano estrangeiro e seguir o nacional do tenente de ingenheiros *Pegado*, concluido em 1836, o qual tem por objecto levar aquelle systema de canaes e vallas até ás proximidades de *Rio-maior*, mas este plano precisa de muitas modificações; porque até á *Ponte de Asseca* deveria ter adufas pelo systema já explicado de Bettencourt para a navegação dos barcos grandes de 60 moios de carga, regeneração das aguas encharcadas e enxugamento dos paues; da *ponte de Asseca* até ás ditas proximades de *Rio-maior* dever-se-hia adoptar o systema de *Fulton* para a navegação de pequenos barcos de 4 a 5 moios de carga, e dever-se-hia tambem ter sempre em vista a irrigação dos campos; porque de tudo isto resultariam grandes vantagens para o paiz, e muito proveito para o empresario e companhia, sem ficarem expostos aos riscos acima ponderados.

Desde o principio declarei que ninguem tinha mais consideração e respeito de que eu ao illustre emprezario, e declaro agora que nenhuma outra razão tive para fazer esta minha trabalhosa e longa analyse do plano dos Srs. *Ortts* senão o amor do bem publico, desejando evitar gastos superfluos e prejuisos muito provaveis.

Lisboa 28 *de dezembro de* 1844.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

ILLUMINAÇÃO DA CIDADE.

(*Carta.*)

Lisboa 9 *de janeiro de* 1845.

3797 Como bem portuguez admitte V. na sua interessantissima *Revista*, todos os artigos que podem aproveitar á agricultura.

De grande vulto é para ella no meu intender, a discussão da conveniencia ou disconveniencia da projectada illuminação de Lisboa por meio de gaz: e se V. o julgar conveniente, rogo-lhe convide as pessoas intelligentes a darem a sua opinião sobre assumpto tão importante, e ao que parece tão proximo a decidir-se.

Se eu me julgasse habilitado a entrar na discussão diria, emquanto me não apresentassem melhores razões, que aquelle projecto, a realisar-se, vae prejudi-

(3) Vejam as tabellas de Mr. A. Taffe, pag. 357 v. 1. da Aplicação dos Principios de Mechanica ás Machinas, etc. Edição de Marselha de 1835.

car grandemente a agricultura das oliveiras, pela muita diminuição no consumo do azeite, não só do que se gasta para a illuminação da cidade, mas do que consomem os particulares, e os estabelecimentos publicos, que passariam immediatamente a ser tributarios da empresa do gaz.

Prejudicaria a cultura e extracção da purgueira, ramo já de grande importancia para o nosso commercio das ilhas de Cabo-Verde.

Prejudicaria o rendimento da alfandega das septe casas, em um tempo em que a creação de novos tributos prova a necessidade de não diminuir o rendimento dos existentes. Se me disserem que na Inglaterra aquelle meio de illuminação é havido pelo melhor, responderei—é melhor, para os Inglezes, que não teem azeite, e teem inexhauriveis minas de carvão de pedra sendo talvez esta a razão principal da preferencia que dão ao gaz.

Abstenho-me, Sr. Redactor, de fazer mais reflexões; mas peço novamente que se o julgar a proposito suscite uma discussão franca, e desapaixonada, e tanto mais prompta quanto a gravidade e urgencia do negocio assim a exigem.

De V. etc.
Um Portuguez.

—

N. B. Longe de a recusarmos, provocamos nós mesmos sempre a discussão de todos os assumptos em que póde ir vantagem ou desvantagem publica: admittindo o pró e contra com a mais inteira imparcialidade.

Sobre o ponto, que o nosso correspondente acaba de apresentar por nossas mãos a todos os que o possam tractar, já n'este jornal se leu um artigo, que hoje deve, sem duvida, ser muito attentamente reconsiderado. E' o artigo 2622, a pagina 286 do volume terceiro.

—

EURICO O PRESBYTERO.

Tomo I do Monasticon, pelo Sr. Alexandre Herculano, impresso na Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis, um volume de mais de 300 paginas em oitavo. Vende-se nas lojas do costume: broxado 600 réis.

3798 Difficil e arriscada empresa é pertender julgar um livro novo, novo na data da sua composição e novo tambem quanto ao genero, ao menos para aquelles em cuja lingua vem escripto. Tudo ahi são obstaculos para a critica. Louvores e censuras podem egualmente ser attribuidos a motivos falsos e indecorosos. A impressão de uma primeira leitura sempre rapida, impaciente e ao mesmo tempo palpitante de receios de quedas, de perplexidade de effeitos, não se grava no animo com a necessaria exacção; assimelha-se a um quadro de Daguerre representando objectos moveis; alguma luz, muitas sombras, contornos enleados, imagem exactissima em partes, mas no todo perturbada: por isso tambem annunciando aqui o Eurico, não temos a fatua presumpção de o sentencearmos, usurpando assim ao publico e ao tempo um direito, que a elles, e só a elles compete decisivamente. Vamos só expôr com a nossa costumada sinceridade, e mais em fórma de consultas que de affirmações algumas idéas, que se nos suscitáram, á proporção que, arrastados pelo extraordinario talento do auctor, corriamos inteiro o livro de um só fôlego.

E' o Eurico um episodio histórico-phantastico da destruição da monarchia goda nas Hispanhas pela invasão dos arabes; mas como n'este sentido é que elle tem de interessar sobre tudo ao vulgo dos ledores, mau serviço fariamos a elles e ao auctor, estragando por um frio resumo antecipado o interesse da narração: como historico, só dizemos, que é um bello estudo dos que o Sr. *Herculano* sabe e costuma fazer.

A topographia da Hispanha n'aquella epocha; a sua technologia vestiaria e armamentaria, parte dos seus costumes publicos, do seu caracter social, da sua litteratura sagrada, tudo foi indagado com sagaz critica nas proprias fontes, onde as havia, e nos antiquarios de maior credito, ou rastreado por conveniencias e conjecturas, que, sendo de pessoa tão exercitada n'este genero de trabalhos, não deixam de assumir logo uma especie de authenticidade. Ninguem cultiva em Portugal tão assidua e proveitosamente, como o Sr. Herculano, este espinhoso ramo dos conhecimentos, que as tendencias todas antiquarias da nossa edade nos hão tornado indispensavel. A archeologia historica tem de ser algum dia, se nos não enganamos, o seu principal brasão, como é já a sua maior delicia no fundo do estudioso e abundante retiro, que a Providencia, por mão de Sua Magestade, lhe outorgou para publico interesse na Real Bibliotheca da Ajuda: dilate-lhe Deus a vida, e os seculos antigos da monarchia, já revolvidos sob o pó do seu jazigo pelo auctor das *dissertações chronologicas* e pelo sapientissimo Cardeal *Saraiva*, levantar-se-hão á voz e á luz do facho d'este seu segundo evocador, com as côres, com as feições, com os movimentos, e com os trajos do seu primitivo ser.

Coisas ha no *Presbytero*, pelo que pertence a alguns personagens e acontecimentos da épocha memoranda elegida para téla da sua ficção, em que lhe foi necessario ou util desviar-se do rigor historico; mas ainda então fiel á sua originaria missão de investigador, propagador e vingador das verdades archeologicas, é para ver o summo tento, a escrupulosa lealdade, com que em notas restitue á integridade dos factos o que em seus poeticos arrojos ousára por momentos sonegar-lhe: é um bello e nobre exemplo, em que mais de um escriptor européu bem poderiam aprender e envergonhar-se. Este merito porém, com quanto raro em toda a parte, é já trivial nos escriptos do nosso auctor, e, assignalando-o, nada mais fazemos que repetir o que é notorio.

Passemos a segunda consideração,—a do effeito moral, a da tendencia social do *livro*.

O *ponto de partida* do *Eurico* é manifestamente o mesmo que o de *Jocelyn*; — o celibato do clero catholico. — Sobre este ponto ambos os dois illustres escriptores fitaram, como outros muitos antes d'elles, e como toda a gente ainda a mais egoista e irreflexiva alguma vez o terá feito, a sua particular attenção; e apiedaram se e choraram da alma lagrimas generosas sobre a perpetua viuvez terrestre, sobre a esterilidade e orphandade do ministro dos altares; mas partindo d'este ponto, em que os seus corações palpitavam unisonos, seguiram, meditando e modulando as suas harmonias intimas, por dois caminhos, senão contrarios, pelo menos divergentes. Mr. de *Lamartine* para o lado do templo; o Sr. *Herculano* para o da sociedade. — Mr. de

Lamartine foi procurar no seio mesmo da religião o balsamo para essas feridas, abertas em seu nome e por ella mesma; e achou-o na caridade: a falta do amor da mulher era um vasio enorme, mas para o encher havia felizmente dois amores, immensos e de mais infinitos, o amor de Deus, o amor do genero humano: *Jocelyn* amante e amado, *Jocelyn* cingido do seu tremendo voto como de um cilicio, renuncia o sexo todo na pessoa de *Lourença*; passa martyr da virgindade as mais tremendas provações; sem uma unica das illusões propicias do amor, sem ao menos ter amante arde em ciumes: é aos olhos d'elle finalmente, e sob o exercicio do seu consolador e terrivel ministerio, que a alma, com quem a sua tinha tão perfeita affinidade, que ambas mutuamente se procuravam como duas metades de um só todo, a alma de *Lourença* absolvida por elle de o haver amado, se exhala para os céus, legando-lhe um cadaver ainda encantador para o levar elle proprio á sepultura, no sitio, em que tiveram o seu casto e inefavel paraiso. Mas os ultimos dias d'este homem de dor, a fé, a caridade e as esperanças tambem de tornar a ver *Lourença* n'outro paraiso, onde se não morre, os seus ultimos dias na riquissima pobreza do seu presbyterio dos Alpes. as tres virtudes divinas lh'os suavisaram, lh'os floriram, lh'os poetisaram, lh'os encheram dos antegostos da bemaventurança: a hora solemne o achou prestes e contente para a partida; nem terrores, nem saudades o assaltaram no seu leito: o que para os outros é agonia, foi para elle sorriso, o seu primeiro sorriso na terra, que tinha de se ir continuar na eternidade: — o Sr. *Herculano* viu no seu presbytero *Eurico*, poeta como *Jocelyn*, como *Jocelin* amante, e tambem como elle amado sem o saber, um coração de diversa tempera; mais soberbo, mais indomito, mais silvestre, mais relutante contra a fatalidade: viu-o bater a golpes redobrados na pedra do deserto e d'ella não sair nenhuma fonte refrigerativa para a sede que o abrasava; viu-o restituido á agitação do mundo, lançado no turbilhão vertiginoso das batalhas, e não podendo no meio de tanto movimento e estrepito esquecer a imagem de *Hermengarda*, tel-a sempre ahi tão presente á sua irremediavel viuvez como nas caladas noites do seu presbyterio de *Carteia* e nas suas procellosas e sublimes ascensões aos rochedos brutos e inhospitos do *Calpe* sobre o mar; viu-o terminando a sua miseravel existencia por um quasi suicidio... horrorisou-se e mostrando aquelle cadaver á sociedade, pareceu dizer-lhe, — « eis-ahi o bello fructo de uma instituição anti-natural e anti-social; foi a religião, como vós a praticaes, quem o matou. «

¿Um quadro que o Sr. *Herculano* desenhou, com mão de mestre no seu prologo, não será porventura mais poetico do que philosophico? ¡Defenda-nos Deus de tocarmos n'uma só pétala d'essa corôa rescendente, que elle poz na cabeça do anjo terrestre chamado mulher; — ¿mas será bem verdade, que, sem a possuir, a vida se converta irremissivelmente no inferno de Tantalo? ¿Deveremos nós medir, pela intensão e extensão das necessidades dos nossos proprios corações profanos, necessidades de certo ponto para diante feiticas, e quasi sempre augmentadas pelas nossas phantasias, pelo nosso amor proprio, pelos nossos habitos, por mil seducções que no viver mundano nos rodeiam e a que o mundo facilmente nos perdoa de succumbir-mos, deveremos nós, perguntamos, medir por estas nossas necessidades as do levita, creado com outra ordem de idéas? repellido sempre para o centro d'ellas pelos olhos attentos e desconfiados das multidões? modificado até na sua essencia de homem por habitos de muitos annos? absorvido em seus cuidados especiaes e activissimos? na presença contínua das dores, das miserias e da morte recebendo a cada passo um novo desengano, e enthesoirando-os para prégar aos felizes *memento mori?* emfim, pelas preces e canticos religiosos de todos os dias, attrahido ao menos na cogitação, como as flores perfumadas o são pelo sol, para as alturas onde a fé lhe diz que moram deleites, em comparação dos quaes o sorriso mesmo da mulher é tristesa e amargura?

E' claro que nós não fallamos aqui senão do verdadeiro sacerdote; d'aquelle, que, similhante ao *Jocelyn*, sente rescender no seio da sua alma, juncto ao fasciculo da mirrha, as tres flores do paraiso; a fé, flor de luz; a esperança, flor de alegria; a caridade, flor orvalhada de lagrimas e destillando mel: em relação aos outros toda a argumentação seria impossivel e inconcludente.

O auctor, parece-nos, deixou-se allucinar pelas inspirações da sua indole compassiva, e creou ou engrandeceu elle proprio o infortunio, sobre que depois cairam as suas harmoniosas lamentações.

Isto pelo que toca ao sentimento, visto que é só por este lado que o auctor nos declara querer olhar a questão; — » porque, diz elle, o celibato perpetuo do » clero é condemnado por uns como contrario ao in» teresse das nações; como damnoso em moral e em » politica: e defendido por outros como util e moral. « Deus me livre de discutir materia tantas vezes disputada, tantas vezes exhaurida pelos que sabem a scien» cia do mundo e pelos que sabem a siencia do céu. «

Não a tractaremos pois tambem nós, postoque inteiramente exhaurida nos não parece ainda que ella esteja; aliás não a veriamos appresentar ainda em nossos dias argumentadores eloquentes: em defensa do celibato sacerdotal, homens taes como um *Chateaubriand*, um *Tassoni*, um *Demaistre*, um *Milner*, um *Husenbeth*; e em impugnação do celibato homens taes como *Aimé Martin* e o Sr. *Herculano*. — Não veriamos em fim dentro no proprio christianismo dois sacerdocios rivaes, o protestante com toda a immensa bagagem de mulheres, de filhos, de negocios, de cuidados, de testamentos; e o catholico, não alegre talvez, mas sereno e satisfeito no meio da sua familia innumeravel, o povo, o genero humano.

O celibato clerical não é em verdade um dogma; a egreja, que o estabeleceu, póde inquestionavelmente derogal-o! — ¿mas fal-o-ha ella? — ¡quem se atreveria a asseveral-o! E se o não tem de fazer, ou se o não ha-de fazer immediatamente, parece-nos que melhor é que, ou n'esta questão se não toque ou só a tractem os que teem por melhores as doctrinas estabelecidas. Com a tendencia demasiadamente desinvolvida hoje nas turbas para tudo quanto é demolir e derrocar, no seu phrenesí insaciavel de innovações, no entibiamento geral de todos os vinculos de deveres começando pelos religiosos, estas theorias adversas ás praticas assentes em leis, e para cuja revogação não chega a soberania do povo, nenhum outro effeito podem produsir que não seja a indisciplina, e — como o povo salta depressa e nem sempre com a

melhor logica de consequencia em consequencia, — o escarneo e despreso dos dogmas, o desacato, a soltura desenfreada, a perdição de todas as coisas humanas, depois da subversão de todas as divinas.

Ninguem ainda esqueceu, que perturbações chegou a causar entre nós a simples proposta do Sr. *Passos* para o casamento dos clerigos; como ninguem ignora, quanto novidades de certa especie, abrem sempre, mais ou menos, entrada a desordens e escandalos.

Resumamos: o celibato clerical é um principio assentado na egreja catholica: como tal, não deve, não póde ser controvertido, salvo pelos legitimos vogaes de algum concilio, que se haja de instaurar para esse fim: até então nem em these de philosophia é licito impugnal-o, como o fez o aliás estimabilissimo auctor da *educação das mães de familias*, nem ainda em hypothese, como ás turbas certamente parecerá havel-o pertendido, o mui orthodoxo auctor de EURICO o PRESBYTERO.

Repetimol-o, para que nos intendam bem. Cremos firmemente na innocencia das intenções que presidiram á composição d'este livro: mas firmemente cremos tambem, em que noventa e nove centessimos do povo o tomarão como uma parabola, que, dentro na hypothese, encerra toda a these, como uma reproducção litteraria do projecto legislativo do Sr. *Passos*, como uma intenção de predispôr pelo sentimentalismo, como dizem, para uma revolução religiosa; revolução, que o Sr. *Herculano* está de certo tão longe, como nós de desejar e até de julgar possivel. Por todos os os seus escriptos religiosos do tempo, em que redigiu o *Panorama*, e por outros muitos por elle publicados mais recentemente, se demonstraria, a quem o não soubesse, quanta injuria lhe faria quem de véras lhe imputasse, a sedicioso proposito, aquillo que aliás parece inferir-se d'este livro.

Estes inconvenientes ou perigos, que se nos figurou descobrir na obra e que tivemos por dever apontar, facilmente os poderia o auctor destruir nas ulteriores edições, accrescentando-lhe segundo prologo ou supprimindo o primeiro, ou modificando-o na parte em que os maliciosos imaginam descobrir uma tendencia, que nunca foi a do auctor, uma tendencia anticatholica.

Um dos maiores perigos, que nos paizes mal illustrados correm os homens de altissimo intendimento, é este de causarem muitas vezes graves males, sem o quererem nem presumirem: então aos que mais de perto lidam com o povo toca servirem de intermedio entre a ignorancia e a sciencia: dizer a esta, — »desce um pouco, afim de seres compreendida: « — dizer áquella — »não te apresses de julgar pelas tuas medidas pequenas e falsas, o que ainda não compreendeste; calumniarás e envergonharás o genio fazendo-o descer, complice teu, até ao nivel das tuas idéas, das tuas preoccupações e dos teus suppostos interesses. «

E' isto e só isto o que nós havemos procurado, expondo ao escriptor e aos leitores qual nos pareceu que poderia figurar-se, sem comtudo o ser, a tendencia moral e o fim social d'esta composição.

Passemos a dar conta com egual candura da impressão, que em nós produsiu como obra litteraria.

Indigno seria do auctor e de nós começarmos a modo de ressalva, com protestos de quanto respeitamos (nós como todos os portuguezes) o talento extraordinario do Sr. *Herculano*.

O amor da verdade para o qual nada concorreu jámais o affecto, que sempre lhe tivemos, e lhe conservaremos até ao fim, tem feito com que de todos os louvores, que se lhe hão dado, os maiores, os mais energicos, os mais sem reserva nem inveja, os mais variados, os mais constantes e os mais antigos, sejam os nossos. Como philosopho, como poeta, como historiador, como romanceiro sabem os nossos leitores de que modo, cem vezes, o havemos proclamado na *Revista*: fóra d'ella, em quasi todas nossas obras havemos sempre procurado e achado occasião de lhe tributar similhantes homenagens: ainda no publico se não tinha ouvido o seu nome, quando nós, nós antes de ninguem, o annunciavamos por escriptor já distincto e futuro esplendor das patrias lettras. A primeira manifestação brilhante do seu vasto saber e ingenho profundo foi a redacção do *Panorama*: para essa redacção, que a nós nos fôra offerecida, e de que então nos era impossivel encarregarmo-nos, fomos nós quem, affoita e confiadamente, o propusemos como de todos o mais idoneo para um bom desempenho.

Depois de tudo isto, pueril seria sobre superfluo, apresentarmos ainda hoje protestações verbaes de amisade e veneração para com a pessoa e escriptos do Sr. *Herculano*.

Dizemos pois chãmente que o seu romance ou poema de *Eurico* nos produziu, quasi constantemente, duas impressões diversas. Considerado em si mesmo e sem relação á sua possivel influencia litteraria, pareceu-nos admiravelmente bello: tomado porém, como norma ou exemplar, perigoso e altamente perigoso.

A severa e sombria invenção do *Eurico* pedia (nem talvez admittisse outro) um estylo perpetuamente levantado, energico, solemne, — estylo que tem por escolho occulto e nem sempre declinavel, a exageração e a emphase, e com o qual, até sem se caír no excesso, dificilimo é escrever algumas paginas, que o geral dos leitores hajam de seguir sem canceira e com prazer; grande talento, grande habilidade, grande pericia de escriptor mostrou quem no decurso de trezentas, empregando em todas ellas uma só côr de estylo, soube conservar-nos o espirito attento e satisfeito. Mas como a reunião d'esses raros elementos de genio é rarissima, quasi todos os que fascinados pelo brilho d'esta amostra o procurassem imitar, fariam obra tanto mais desgraçada e insofrivel, quanto maior seria a pompa e vaidade com que nol-a quereriam encampar por milagrosa.

A épocha, elegida pelo Sr. *Herculano* para fundo da sua acção, é solemne. Duas grandes monarchias e as duas maiores religiões do mundo a braços. *Pelagio* é um homem sublime; um d'estes homens que cifram em si um povo e os seus destinos. *Eurico*, um gigante moral que se poderia decompôr em tres grandes homens — o sacerdote solitario, o poeta inspirado pela religião e pelo amor, e o guerreiro, heroe pela sua patria. Tudo isto eram germens de bellezas, mas tudo isto eram tambem dificuldades de primeira plana. O Sr. *Herculano* commetteu-as: ¿quem o repreenderia? fiava-se nas suas forças e não se enganou. ¿A historia, quem melhor que elle a conhecia? ¿O tom philosophico e o estylo alto que ella demandava, quem poderia disputar-lh'o? Os tres personagens, de que o

seu personagem principal se compunha, tinha elle nas suas recordações e na sua experiencia propria por onde os rastrear e conseguir. Soldado! o Sr. *Herculano* o fôra e expuzéra a vida em vinte combates desesperados: — solitario e meditativo! o Sr. *Herculano* o é pela sua estudiosa vocação: — poeta e poeta religioso! o auctor da *Harpa do Crente* não tem n'essa parte a quem inveje. Mas que outrem, com menos habilitações naturaes e accidentaes, ponha peito a uma façanha similhante!....

.....*professus grandia turget*,

terá litterariamente o fim da rã da fabula a encher-se de vento para egualar o boi, que passêa magestoso por cima das hervas que a encobrem.

Se o nome do Sr. *Herculano* não fosse uma auctoridade, uma recommendação, uma seducção quasi irresistivel, pouco se nos daria da influencia do seu livro.

O gôsto em Portugal vem apenas alvorecendo: os seus primeiros raios são ainda confusos e perturbados de muitas trevas: a exageração no sentimento e no estylo, uma especie de gongorismo reformado, é um dos vicios predominantes que os vindoiros teem de repreender com muito escarneo á litteratura d'esta edade; é uma poesia juvenil com todas as vantagens mas tambem com todos os defeitos dos annos verdes: e o maior empenho de todos os amantes dos verdadeiros progressos deve ser encaminhal-a por fóra dos precipicios e em seus delirios reprimil-a: os mancebos, que são hoje quasi em toda a parte os seus cultores, e entre nós tambem, propendem essencialmente para tudo quanto é novo e maravilhoso embora falso, extravagante e vasio; e, bem que ricos de phantasia que é a verdadeira potencia creadora, deixam-se insensivelmente ir, sem perguntar por onde nem para onde, imitadores sempre prestes e irreflexivos, apoz o primeiro phantasma esplendido que se levantou evocado por um grande homem. ¿Que seria d'estas pobres lettras portuguezas se emvez de uma eschóla de singela e amena verdade, de que excessos contrarios tanto as teem feito carecer, se lhes podesse apresentar cada anno um ou dois livros como o de *Eurico*? A essas bellas obras não haveria remedio senão fazer-lhes o mesmo que o fundador da republica ao divino Homero, — coroal-as e desterral-as.

Parece maldição expiatoria dada a muitos dos talentos mais eminentes, que não engendrem senão raça engoiada de copistas vís, discipulos que procurando honral-os os envergonhem e desacreditem: ¡que de exemplos não poderiamos citar d'isto, sem até sairmos da nossa terra! ¿Que produsiu o ingenhoso Vieira? pregadores de argucias indigestas e de originalidades chilras. — ¿Que produsiu Filinto? desenxabidos desentoadores de versos e da linguagem. — ¿Que produsiu Bocage? fabricantes de estrepitosos versos recheados de nada. — ¿Que produsiu José Agostinho de Macedo? torpes maldizentes em prosa indigna até da maledicencia. — E todavia eram quatro homens aquelles, cada um na sua esphera, admiravelmente grandes: — mas a grandeza real de um escriptor não é o que elle possue de mais transfusivel: os seus defeitos, muitos dos quaes são ás vezes o excesso das suas prendas, esses é que facilmente se lhes tomam; e com isso, sem mais nada, já cuidam muitos nescios egualal-os.

Concluamos que é tempo. O *Eurico* em nossa particular e respeitosa opinião é um livro mui notavel para ser lido; muito improprio para ser inculcado por *vade mecum*. Os seus desenhos são severos, grandiosos e todos a negro: foi uma valente mão a que os prefez; só outra valente mão os poderia copiar, e faria mal se o fizesse: são como as poesias de Ossian; — maravilham e largam-se. O de que hoje principalmente carecemos, o que pedimos, e o que esperamos virá apparecendo, são obras correntes, accessiveis a todos os intendimentos, aptaveis a todos os gostos; espelhos do mundo, da alma e do coração, tres coisas em que ha sempre misturada toda a sorte de côres e de tons.

Auctores podiamos já aqui denunciar por quem taes obras nos podem e nos hão-de ser trasidas: mas não queremos hoje fallar senão d'aquelle com quem encetámos este artigo, e que de boa vontade citaremos como um dos primeiros entre os primeiros. O *Monge de Cister*, que ha-de seguir ao *Presbytero* formando como elle parte da collecção de romances do Sr. *Herculano* com o titulo de *Monasticon*, quanto é possivel julgarmol-o pelas amostras, que d'elle temos visto impressas, ha-de ser muito mais obra para se inculcar ao estudo e meditação da mocidade, ainda não formada. Em fim, quando outra prova não tivéramos do muito que se deve aguardar, que se póde e se tem direito para exigir do talento romanceiro d'este estimavel escriptor senão a *Abobada*, a *Abobada* bastaria para se lhe não recusar um dos logares mais distinctos.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

D. FR. MANUEL PINTO DA FONSECA.

18 DE JANEIRO DE 1714.

3799 N'ESTE dia, em Valleta, capital da ilha de Malta e principal assento da ordem dos cavalleiros de Jerusalem foi eleito, por unanimidade, grão-mestre da sobredicta ordem, D. Fr. Manuel Pinto da Fonseca, natural de Lamego e o quinto cavalleiro portuguez, que tinha aquella honra.

Commemoramos aqui este facto porque a unanimidade da sua eleição [coisa rarissima n'aquella ordem, e que desde a sua creação só dez vezes se tinha visto] mostrou o apreço que entre aquelles esforçados cavalleiros merecia um filho d'esta terra feracissima de varões illustres.

J. B.

UMA VIAGEM DE DUAS MIL LEGUAS.

APONTAMENTOS — REMENISCENCIAS.

XII.

BOMBAIM.

[*Continuado de pag.* 300.]

" Vainement les Anglais, par les moyens de la plus adroite politique, ont, depuis quelques années, cherché à introduire dans l'Hindoustan, les besoins, les désirs, et les habitudes de l'Europe; ils se trouvent eux mêmes forcés de se ployer aux préjugés absurdes, et superstitieux des peuples, qu'ils ont subjugués par la force, ou par la ruse. ,,

[*C. A. Walckneer.*]

3800 LONGO já vae este artigo, a que é força accres-

centar ainda as linhas, que promettemos. — A Cidade de Bombaim foi possessão portugueza; — uma parte consideravel da sua população professa a nossa religião, falla a nossa lingua, interessa-se em nossas coisas, e préza-se da sua origem. Qantos titulos ao interesse do viajante portuguez! E é hoje o que foi Goa nos seculos rapidos do nosso poder na Azia: — o emporio commercial de toda a costa occidental da India!

Já percorremos a ilha toda, aldeia por aldeia; — já visitámos alguns dos seus estabelecimentos publicos, e particulares, mais dignos d'attenção; — já démos idea da forma do seu governo administrativo, e judiciario; — do seu commercio; — e das suas forças de terra, e mar. — No mais seremos breves.

A pequena, e despovoada Ilha de Bombaim, cahiu em poder dos portuguezes, como dependencia de Baçaim, no anno de 1530; e lhe construimos um forte na extremidade oriental, cujas dimensões se tem alargado, depois que passou ao dominio Britanico. O seu porto é o melhor de toda a India, mas nunca alli tivemos senão uma Feitoria, porque então Goa, que era o porto mais frequentado, absorvia inteiramente as attenções do Governo. Antes que este pequeno archipélago nos pertencesse, insalubres, e estéreis eram os pequenos ilhotes, que o compõem, e habitados por pescadores; — e ainda depois de a termos occupado, e até já posteriormente ao dominio Inglez, a ilha de Bombaim continuou a ser denominada, com justos titulos, — *O Cemiterio dos Europeus!* Hoje é talvez um dos pontos mais saudaveis do Oriente, pelo cuidado que tem havido em a policiar, e melhorar. Em 1661 toda a Ilha foi cedida pela Corôa Portugueza aos Inglezes no dote da Senhora D. Catharina, que cazou com Carlos 2.°, Rei da Gram-Bretanha. — E em 1662 se aprezentou o Conde Marlborough com 500 homens para ser investido na posse da Ilha pelo Vic-Rei de Gôa, levando comsigo, Sir Abraham Thipman, nomeado Governador. Quando chegou a frota Ingleza, o Conde exigiu Bombaim, com todas as suas dependencias, incluindo o Forte de Taraná, e a Ilha de Salsete; porém o Vice-Rei declinou a entrega, dizendo que o tratado respeitava sómente á ilha de Bombaim; — e os habitantes, animados pelos Jesuitas, disputaram ao Soberano o direito de os transferir ao dominio de outrem; até que por fim se expediu ordem positiva para a entrega total, que se effectuou no anno de 1665, ficando ao atilado Vice-Rei, *Antonio de Mello de Castro* a gloria de ter procurado, ainda que debalde, dar tempo á Corte para conhecer os seus verdadeiros interesses.

Como Bombaim era então um logar miseravel, e pantanoso, foi dado no anno de 1668 pelo Monarcha de Inglaterra á companhia das Indias Orientaes, pagando esta uma renda, ou foro annual. Em setembro do mesmo anno Sir George Oxenden, que foi o primeiro Governador posto pela companhia, tomou posse em nome d'ella, e as tropas do Rei passaram para o seu serviço, cem toda a artilheria, e mais munições. Pouco depois desta mudança de Senhorio, já a ilha rendia annualmente 12:823 libras; mas ainda era muito doentia, e infestada pelos Maratas.

Em 1673 foi ameaçada por uma forte esquadra Hollandeza; — no anno seguinte montaram-se 100 peças d'Artilheria nas suas diversas fortificações.

Em 1676 o Rei concedeu, que se estabelecesse uma Caza de moeda para se cunharem rupias, e cobre miudo. N'este tempo ainda a ilha era de mui pouca importancia para poder fazer face ao formidavel poder de Aurengzeb, que occupava o throno de Delhi, e ás incursões dos Maratas, que começavam a fazer-se temidos, sob o commando do famoso *Sivagy*. Em 1679 a ilha de Kennery, na entrada do porto de Bombaim, foi occupada pelas tropas d'este barbaro, e no anno seguinte tomada por um Xidy, (*a*) almirante do Mogol, sem que o governo de Bombaim ousasse de fazer a menor resistencia, nem a este, nem áquelle.

Em Dezembro de 1683 o Capitão Richard Kegwin, que commandava as tropas da companhia, prendeu o governador interino, Ward, e se apossou do governo. A guarnição composta de 150 soldados Inglezes, e 200 Sipaes, ajudada dos habitantes, elegeu Kegwin para seu governador, declarando, que elles só reconheciam a authoridade do Rei, posto que a Companhia houvesse já despendido 300:000 rupias nas fortificações, e em outras obras da ilha. Até então o governo era dependente do de Surrate, mas n'este mesmo anno a *Corte dos Directores* em Londres, fez de Bombaim um estabelecimento independente, e o centro do seu poder e commercio na costa occidental da India. — Os rebeldes submetteram-se.

Em 1688 e 1689 a ilha foi atacada por uma esquadra do Mogol sob o commando do Xidy, que occupou o forte e Villas de Mahin, Sion, e Mazagão, estabelecendo batterias na montanha de Dungary para batterem a Fortaleza e Castello de Bombaim; mas os Inglezes alcançaram do Imperador Aurengzeb uma ordem para que o Xidy evacuasse a ilha, o que este vagarosa, e constrangidamente cumpriu. De 1691 a 1694 a população minguou, tanto por effeito da peste, que a assolou, como pelas piratarias de que foi victima, exercidas por Inglezes, e pelos Regulos visinhos.

Finalmente de 1776 para cá, depois de outras vicissitudes, e de se terem vencido grandes difficuldades de toda a especie, Bombaim começou a figurar como cidade poderosa, e importante da India Britanica; e enriquecida com os despojos dos Maratas, cujos chefes accendeu uns contra os outros, foi dilatando a esphera do seu poder, e influencia, passo a passo, até ao anno de 1820, em que já podia equiparar-se a um reino extenso e poderoso. — Baroche, Amednagour, os dois Concões, Candesh, Punem, Daruar, grande parte do Guzarate, e outras provincias de menor valia, reliquias, pela maior parte, do vasto imperio Mogol, retalhado pelos Maratas, compreendendo uma área de 70:000 milhas quadradas, pouco mais ou menos, obedecem agora directamente á presidencia de Bombaim; — e quasi outro tanto territorio depende de seus acenos, governado por alliados, ou mais propriamente, tributarios submissos, entre os quaes são de mencionar os ajás de Gaicuar, de Satará, e de Colapour, n'outro tempo ricos, e independentes.

POPULAÇÃO.

Quando os inglezes tomaram posse de Bombaim, a população era assaz diminuta, e de gente da casta mais inferior do Hindoustão; porém desde então tem

(*a*) Este é o nome que se dá na Azia aos Cafres, ou mulatos.

progressivamente augmentado, como se vê do seguinte resumo chronologico:

Em 1664	15:000
» 1716	16:000
» 1816	161:000!
» 1830	229:000!
« 1836	236:000

Tem continuado de tal sorte o incremento da população, que se reputa ser ao presente de 300:000 almas, pouco mais ou menos, e o numero de casas 50:000.

O censo a que se procedeu em 1834 deu a seguinte classificação:

Christãos	18:376
Indios (gentios de varios ritos)	143:298
Musulmanos	49:928
Parses	20:184
Judeus	2:246
	234:032

Além d'esta população permanente podem contar-se mais 50 a 60:000 estrangeiros, que frequentam o porto, e demoram na cidade, na qualidade de commerciantes.

A' tolerancia religiosa do governo, e á egualdade com que a lei é applicada, se deve attribuir, em grande parte, o curioso facto de vêr junctos, e na melhor harmonia, *nativos*, *parses*, *musulmanos*, *armenios*, *judeus*, *arabes*, *chins*, *africanos*, *portuguezes de Góa*, e *inglezes*, exercitando, cada um, as profissões, e artes, a que se dedicam, e algumas das quaes são da exclusiva attribuição de certas castas. — Os constructores de navios são todos parses, e nenhum d'estes serve na milicia; as tripulações dos vasos mercantes compoem-se exclusivamente de arabes, caffres e musulmanos; — os nativos empregam-se em terra, tanto no exercito, como em diversas misteres; os portuguezes de Góa são pela maior parte caixeiros, criados de servir, ou cosinheiros, não fallando nos domiciliados no paiz, que servem empregos publicos, ou exercitam o negocio, e outras profissões. — E os inglezes que não pertencem ao exercito, ou á marinha de guerra, são funccionarios civis, negociantes, lettrados, mercadores, pilotos, etc.

Finalisaremos Bombaim.

C. *Lagrange.*

OFFERTA DOS NOSSOS MONARCHAS EM DIA DE REIS.

APONTAMENTO HISTORICO.

3801 No regimento dado pelo sr. rei D. João IV, ao esmoler-mor, se ordenava que a offerta de S. M. no dia de Reis, seria de 14$000 réis, a saber de dez por oiro, dous por incenso, e dous por mirrha.

Parece que sempre se tem cumprido até hoje este estatuto.

USANÇA VELHA.

3802 Muitas usanças tinha o mosteiro do Carmo, mas entre outras muito interessantes avulta a seguinte, por curiosa: —

Quando se celebravam as matinas do natal e as dos reis, vinha da sachristia um diacono revestido, e depois de tomar a bençam do patriarcha ou a quem o seu logar fazia, subia ao pulpito, levando na mão o sceptro que o condestavel Nuno Alves Pereira havia conquistado na batalha de Aljubarrota, para significar que offerecia aquella insignia real ao Supremo dos Monarchas — quando o applaudimos nascido ou adorado dos reis da terra. Egualmente se fazia para se mostrar esta reliquia ao povo muito cubiçoso de a ver, que a conhecia no tempo de ElRei D. João, de boa memoria.

O seguinte é d'um manuscripto que existia no cartorio do convento, e que o seu chronista copiou:

« *Que vinha muita gente, e fazia gram folgança de* « *ver o ceptro, clamando muitos bemfajas ao condestra-* « *bre, e lhe davam gloria nos seus dictos, que todos* « *erão, de que muita paz tenha no ceo. . . . e o Senhor* « *ElRei, quando lhe contavam os ditos das gentes, e* « *as bençoas das fameas se prasia muito, e assim aca-* « *bava de fallar com dizer, nom se falte á usança.*

NOTICIAS.

EXEMPLAR DE MARIDOS.

3803 De Loulé nos escrevem que proximo á villa de *Albufeira* havia um pastor cazado, o qual porém tinha em outra casa duas amigas.

Esta boa alma no dia de natal pega no seu jantarinho já feito, e deixando á mulher uma alcofa de alfarrobas para se regalar sosinha, carrega com elle para o harém a faser festa com as suas odaliscas.

Recolhendo pela noite aos lares conjugaes, achou o que não podia deixar de ser, quixumes, lagrimas, representações: — enfadou-se, bravejou, perdeu de todo a paciencia como tinha perdido a vergonha, pegou de um machado, e tão selvagem lh'o descarregou, que a estendeu quasi morta. O facultativo, chamado ao auto do corpo de delicto, declarou que a pobresita não podia escapar. O monstro acha-se prezo.

SUICIDIO.

3804 Le-se no Patriota de 14 do corrente: —

» Ainda não ha muitos dias que demos o fallecimento do Sr. *Bernardino José Braga*, negociante d'esta praça, hoje temos o desgosto de annunciar a morte do seu irmão o Sr. *José Joaquim Braga*, que infelizmente se suicidou na manhã de 25 do passado no acto de fazer a barba, dando com a navalha um golpe nas goelas, que os facultativos não capitularam mortal, mas tendo-se declarado a gangrena e o delirio, succumbiu na manhã de sabbado ás 8 horas.

MAIS.

3805 A 4 do corrente, pelas 7 da noite, do segundo andar da casa n.º 292 D, na calçada do Salitre se lançou á rua uma creada: o rijo golpe, que deu caindo de assento sobre as pedras lhe quebrou pelo meio a espinha dorsal; foi levada para cima em braços, paralytica da cintura para baixo, e no restante atormentada de dores.

Ignora-se a causa do seu funesto frenesí. Tinha 21 annos; era linda e não se lhe conheciam amores. Andava melancolica havia tempos, e toda a vez que ouvia ler ou contar mortes, principalmente voluntarias, prestava a maior attenção; inquiria minuciosamente as circumstancias, fazia-as repetir como que se deliciava n'aquelles, segundo agora se vê, exemplos que a insensata caladamente andava propondo á sua propria imitação. — Está persuadida de que morre; padece muito, e, todavia só agora começa a cair em si e a arrepender-se da sua criminosa loucura.

FUNESTA LUCTA ENTRE A HONRA E O INFORTUNIO.

3806 A 19 de dezembro um soldado de artilharia

[Raimundo Roberto era o seu nome] carrega o seu refle, encosta sobre elle a cabeça, desfecha-o, e cae fulminado.

¿Que o indusiu a tão frenetica resolução? Pobre: necessitava de calçado; não o tendo, cedêra á tentação de furtar um par de *bules* a uma seu camarada: foi percebido; não pôde resistir á vergonha.

DOIS PAES MORTOS POR AMOR DE DOIS FILHOS.

(Carta.)

Loulé 2 de janeiro de 1844.

3807 Na aldeia de *Caxapo* em consequencia d'uma rixa de dois rapazes, sairam os paes d'estes para a rua, cada um a defender o seu; como era natural passaram logo a travar-se entre si e com tanta cegueira de amor e de odio, que um dos pequenos ficou logo orpham, o outro passados tres dias já tambem o era. De V. etc.

João José Jara.

NOVA FARÇA DE HEROICIDADE.

3808 Lê-se nos *Pobres do Porto* de 10 do corrente: — hontem ás 8 da manhãa teve logar no sitio do *reducto do Covêlo*, suburbios desta cidade, um duelo a tiro de pistola entre os Srs. marquez de *Chardonnay*, e *Antonio Augusto de Passos Pimentel*, alferes de infantaria 6. Foram padrinhos do Sr. *Chardonnay*, o Sr. major d'artilheria *Couceiro*, e do Sr. *Antonio Augusto*, seu tio o Sr. coronel *Passos Pimentel*, governador do castello da Foz. O numero dos espectadores seria 20 pessoas, a maior parte estrangeiros, inglezes, francezes e hispanhees. Tendo chegado ao sitio aprazado as duas seges em que íam os desafiados, cada um com o seu respectivo padrinho, e apeando se os padrinhos, e á vista dos espectadores mostrando os cartuxos com as balas, carregaram as pistolas, as entregaram aos seus affilhados, marcaram o terreno, e a 20 passos de distancia os contendores descarregaram!! Nenhum ficou ferido; a pistola do Sr. *Passos* errou fogo, não batendo o phosphoro, e elle não quiz segundar; e tendo-se anteriormente convencionado que qualquer que fosse o resultado ficariam satisfeitos, os contendores se abraçaram e tornaram para casa da mesma fórma que tinham ido, dizendo o Sr. Chardonnay — *Fiquemos amigos, sirva-nos isto de licção a ambos* — Pouco depois o Sr. coronel *Passos*, almoçava com a familia *Chardonnay*, em casa desta por convite da Senhora — O motivo desta estranha pendencia foram occorrencias desagradaveis que em uma das noites passadas tiveram logar n'um *soirée*, e na presença d'algumas familias respeitaveis que alli se achavam O Sr. *Chardonnay* acceitou o desafio que lhe propoz o Sr. *Antonio Augusto*, e lhe deixou a escolha da arma.

JORNAL DE INDUSTRIA.

3809 Com muita satisfacção vemos annunciado um novo periodico util que, a ser desinvolvido, como promette o seu programma, grandes beneficios póde realisar.

Intitula-se o *Industrial Portuense*: sairá um numero no fim de cada mez; trinta e duas paginas em quarto e uma estampa illustrativa. O seu objecto é tudo quanto constitue os differentes ramos da industria; tudo quanto a esses ramos pertence como subsidiario, e tudo exposto nos termos mais precisos, claros e accommodados á intelligencia dos fabricantes.

Assignatura de anno 1920; meio anno 1080; avulso 240 réis.

NOVO JORNAL.

(Carta.)

Coimbra 11 de janeiro de 1845.

3810 Por singular e instantaneo impulso de alguns jovens academicos d'esta Universidade, mais esperançados na liberal e valiosa coadjuvação de nossos litteratos, do que confiados em seus proprios conhecimentos, vae sair á luz a começar dos fins d'este mez, um jornal de sciencias e lettras, para que se ha-de mister mendigar um sufficiente numero de assignantes, a fim de que este periodico não morra de penuria logo no seu começo: e por esta razão, e, hoje tão indispensavel circumstancia — roga-se a V. como Redactor da *Revista Universal Lisbonense*, e sempre desejoso da perfeição e adiantamento da nossa litteratura, o distincto obzequio de fazer annunciar nas columnas do seu jornal que se recebem assignaturas para a nova publicação academica, em Coimbra em todas as lojas de livros, no Porto em casa de Mr. Moré e em Lisboa na loja de livros de Sr.ª Viuva Bertrand e filhos.

De V. etc.

Jose Joaquim da Silva Pereira.

POMOLOGIA.

(Communicado.)

3811 Descripção de todas as castas e variedades de fructos que se cultivam em Portugal, com uma breve noticia sobre a sua cultura e usos economicos, por Braz da Costa Rubim.

Sae todos os mezes uma folha em formato grande, com quatro paginas d'impressão, papel superior d'Abelheira, typo interduo moderno, hydraulicada, e acompanhada d'uma estampa, pelos seguintes preços:

Texto, e estampa em preto . . . 120 réis.
Dito, e estampa colorida . . . 240 „

Assigna-se em Lisboa na rua do Moinho de Vento n.º 23.

Os senhores das provincias que quizerem assignar deverão remetter por cautella do seguro em carta franca, 960 réis importancia das quatro primeiras folhas; dirigida ao auctor, rua do Moinho de Vento n.º 23 A Lisboa.

Os commerciantes de livros para o Brasil e outros paizes, que quizerem grande porção de exemplares, terão abatimento razoavel.

Saíu á luz a primeira folha: contém — açofeifeira, alfarrobeira e ameixieira: — e uma estampa com dois ramos, com o seu fructo de açofeifa maior e menor.

INVERNIA.

3812 Alguns rios, com os temporaes d'estes ultimos dias, tem engrossado estranhamente, innundando as margens e fazendo por ellas graves estragos, nas terras e casas. O mar pelas costas tem andado tão alteroso com as ventanias, que varia, embarcações se tem visto em perigo, e outras teem naufragado.

Do Algarve nos escrevem que — na *Fuzeta* dera á costa um barco com mil e seis centas arrobas de polvora; ía para Genova. Todos os dias, continúa o correspondente, o mar arroja ás praias caixotes de tabaco, amarras, remos, etc.

NECROLOGIO.

[Carta.]

Coimbra 22 de desembro de 1844.

3813 Vaidade das vaidades! que podem a mocidade, a fortuna, e as humanas considerações contra os insondaveis decretos da Providencia? Quando mais distante se julga a hora terrivel do passamento, chega a morte; e em um instante desapparece a mais prospera existencia, esperançosa de longuissimo futuro!

Estremava-se entre os moços mais distinctos de Braga — Antonio Brandão Pereira: — ninguem lhe levava a palma nas maneiras de cavalheiro bem educado, no tracto doce e affavel, no gasalhado para com todos; e o que tanto mais interessa, como raro, na eximia probidade, e em todas as mais solidas virtudes. Mo-

dêlo d'amigos, espelho d'irmãos e esposos affectuosos, sua alma nobre e pura não respirava á larga, senão quando se exercitava na virtude. Orpham [ai! como hoje estão seus innocentes filhos] desde os mais tenros annos, em companhia d'uma boa irmã, sua unica familia, souberam ambos haver-se sempre com tamanha prudencia, e juiso, que ninguem havia, que, conhecendo-os, os não amasse. Constituido d'est'arte na necessidade de dedicar-se todo ao governo e melhoramento de sua casa, que augmentou como bom pae de familias, não póde nunca satisfazer o desejo, que muitas vezes patenteava de cursar os estudos maiores da universidade; mas nem por isso, justo apreciador das bellas lêttras, deixava de as cultivar, e mormente a poesia, recolhido na escolhida bibliotheca, que soubera reunir. Tão eminentes qualidades de sobejo o habilitavam para servir os cargos publicos com singular distincção: e o voto unanime de seus concidadãos de todos os partidos, que por vezes o chamou á vereança, e conselho de districto de Braga, foi correspondido com as mais claras e singulares provas da grande honra, prudencia, e discernimento, que tranlusia em todas as suas acções. Casado, de ha poucos annos, com uma amavel menina, em cujo affecto empregava todos os extremos de sua natural sensibilidade, e coração affectuoso, via augmentar cada anno, com o numero dos filhos, a ventura e delicias da vida domestica. E ¡¿quantos e bem educados planos de futuro não sonharia aquella alma excellente de bom pae e esposo?! quantas doces esperanças de velhice tranquilla e venturosa no seio da esposa, e dos filhinhos não nutriria, olhando para essas tenras vergonteas, que cresciam á sombra de sua desvelada tutela!? Mas o *homem põe e Deus dispõe*: atacado d'uma grave enfermidade rebelde á medicina, e surdos os céus ás preces fervorosas não só de sua inconsolavel familia, senão tambem dos amigos innumeraveis, e de todos os bracarenses religiosos, deu a alma ao Creador ás onze horas da noite do dia 16, não contando ainda 30 annos de edade, e no proprio dia, em que a joven esposa perfasia apenas 19!!

Nós, que admiravamos suas virtudes, que aprendiamos de seus exemplos, que professavamos ao saudosissimo finado a mais intensa, cordial, e especialissima amisade, e que perdemos com a sua morte uma das mais raras venturas, que se gosam sobre a terra — *um amigo verdadeiro*, unimos de longe nossos ais aos da amarguradissima familia; e levantâmos á sua memoria este pequeno padrão, que regamos de nossas lagrimas.

J. M. P. Forjaz.

EXPOSIÇÃO DA INDUSTRIA NACIONAL.

3814 A BENEMERITA sociedade promotora da industria nacional publica um folheto, que faz parte do seu jornal, e compreende 87 paginas em quarto, intitulado: RELATORIO GERAL DA EXPOSIÇÃO DE PRODUCTOS DE INDUSTRIA PORTUGUEZA FEITA PELA SOCIEDADE PROMOTORA DA INDUSTRIA NACIONAL NO ANNO DE 1844.

E' este opusculo, pela sua exacção e pelas altas esperanças que nos faz conceber de novos progressos e riquezas, dignissimo de ser lido por todos, e principalmente pelos que não poderam ter o gôsto de assistir a esta publica e solemne festa da nossa industria já summaria e elegantemente descripta pelo nosso amigo o Sr. Cascaes, nos artigos 3407, 3437, 3453.

N'esta exposição, que durou por 22 dias successivos, que SS. MM. honraram com a sua presença, e aonde concorreram mais de sessenta mil pessoas nacionaes e estrangeiras, contaram-se perto de dois mil artefactos de quasi todos os generos e cento e trinta e quatro nomes de productores. De uma e de outra coisa ficará assim perpetuado o registo pelas diligencias, trabalhos e despezas d'esta sociedade, que para bem da nossa terra, Deus ampare por muitos annos.

A proxima futura exposição tem de ser em 1846: bom é que não esqueça isto aos que d'aqui até lá se podérem habilitar para ir ganhar gloria e riquesa para si, recursos e creditos novos para a sua patria.

UM ORPHEU QUE ATRAE BATATAS.

3815 HAVIAM annunciado os cartazes, que na noite de 9 do corrente, um irlandez, chamado *Donaldson*, cantaria no theatro da *rua dos Condes*, nos entre-actos, varias canções populares da sua terra. Excitou curiosidade tal annuncio, e n'esse dia a enchente foi real.

Effectivamente o irlandez appareceu no fim do primeiro acto da peça, e cantou, mas tão semsabor e desentoadamente, que a platea manifestou logo a sua desapprovação. O homem porém, julgando-se em sua casa, e não no palco, levou aquillo muito a mal, e fez seus arremessos e visagens para os espectadores.

Quando voltou para *cantarolar* segunda vez, não só foi estrondosamente pateado, mas acommettido de uma descarga cerrada de batatas, ovos, e estalos de entrudo. Invoca (felismente para elle em pouco intelligivel inglez) o auxilio dos seus patricios para o desaffrontarem: se tivesse maior voz berraria que lhe mandassem de Londres alguma esquadra. O Sr. *Smith*, official estrangeiro a nosso serviço, levantou-se sobre o banco em que estava, e desafiou imprudentemente a platea.... nada menos! De repente todos se ergueram, e pozeram em movimento. O Sr. *Macêdo*, joven official do nosso exercito, e filho do barão de S. Cosme, arremessou-se ao Sr. *Smith*, e logo tambem o Sr. coronel *Burros*, dizendo que acceitava por aquella assembléa de portuguezes o desafio, se o era. O tumulto ía crescendo, e teria graves consequencias, se não interviesse a auctoridade fazendo retirar o Sr. *Smith* da platea, e restabelecendo a ordem.

O Sr. *Donaldson* cantor de nenhum merito, julgava que nos havia de escarnecer impunemente: enganou-se. O Sr. *Smith* daria melhor documento de si, aconselhando o Sr. *Donaldson* a ir cantar para alguma taberna de Londres, para não arriscar o espinhaço a pagar pela garganta.

Mas a quem maior censura cabe, é á empresa: se não conhecia o que apresentava ao publico fez mal; se o conhecia fez ainda muito peior.

VANDALOS DE QUATRO PÉS.

3816 UM livrinho, que tinha de agradar não mediocremente, era a *viagem á roda do meu quintal*, escripta pelo Sr. *L. A. Palmeirim*, á imitação da celebre viagem de Mr. *Demaistre*, e de que elle teve a bondade de nos lêr alguns capitulos.

Uma fatalidade *sui generis* e sem exemplo, anniquilou porém esta linda obra, privando talvez assim os nossos leitores de alguns futuros quartos de hora bem agradaveis.

Tinha-a o auctor levado para o botequim do *Marrare*, para ahi a lêr a alguns mancebos litteratos seus amigos: e faltando o tempo para a concluirem na primeira conferencia, foi o manuscripto entregue ao moço para o guardar de sua mão até ao seguinte dia. No dia seguinte accudiram ponctuaes á hora aprasada, os ouvintes e o leitor, mas o que faltou, foi o manuscripto. — O rapaz havia-o fechado no armario do pão; os ratos não tinham deixado d'elle mais do que polegada e meia do fim de cada pagina.

Toda a *viagem á roda do meu quintal* tinha ido parar onde nunca jámais o poeta o presumíra: a algum ninho de arganassas em parte desconhecida. O Sr. *Palmeirim* foi, segundo ouvimos, o que mais de coração, riu com este inesperado desfecho das suas lucubrações.